

A ARTE DE ESCREVER CARTAS: A EXPERIÊNCIA COM AS FONTES

*Prof.^a Dra. Zeloí Ap. Martins dos Santos**

RESUMO: O objetivo do artigo é de evidenciar questões relevantes a respeito do tratamento teórico-metodológico das fontes. Refletir sobre a metodologia do trabalho com fontes não é uma tarefa fácil em virtude das múltiplas possibilidades de enfoques. Partindo dessa constatação abordaremos alguns aspectos que envolvem o tema, a partir da experiência de trabalhar com cartas manuscritas. Revelar o que um homem guardou de significativo para sua comunidade, sua província e para o Brasil, a partir de opinião sobre si próprio, e sobre a sociedade em que viveu. Deixar o senhor Jesuíno Marcondes Oliveira de Sá revelar-se pelas cartas foi um dos objetivos da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: História, Literatura, metodologia pesquisa, estudo de cartas.

THE ART OF WRITING LETTERS: THE EXPERIENCE OF WORKING WITH SUCH TYPE OF SOURCE

ABSTRACT: This article intends to discuss issues related to the theoretical-methodological treatment of sources. To decide on a work methodology with sources is not an easy task, considering the multiple possibilities of approach. Bearing that in mind, we shall tackle aspects related to the topic from an experience of working with handwritten letters. The idea is to show what a man considered significant enough to keep for his community, province and Brazil, parting from an opinion about himself and about the society he lived in. To allow Mr. Jesuino Marcondes to reveal himself through his letters was one of the objectives of this research.

KEY-WORDS: History, Literature, research methodology, study of letters.

A produção intelectual dos historiadores nas últimas décadas mudou em profundidade e em amplitude, assim também as modalidades de escrever a História, influenciada pelo surgimento de novos territórios a serem explorados pela pesquisa histórica, pelos novos objetos visando temáticas originais e pela abundância das novas abordagens. O historiador nessa perspectiva reconstrói os acontecimentos das histórias vividas, da história do tempo presente - o momento imediato -, informando aos seus leitores o esquema interpretativo, demonstrando conjuntamente o procedimento narrativo, a forma de construir e organizar o discurso histórico, evidenciado o seu “estilo” na afirmativa de Peter Gay, a “trama” na concepção de Paul Veyne, ou na proposição de Hayden White a “urdidura do seu enredo”, e a transparência dos recursos metodológicos e teóricos empregados. Dando

* Doutora em História pela UFPR, professora da Faculdade de Artes do Paraná - FAP, Líder do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Artes -FAP, Coordenadora do Programa Institucional de Iniciação Científica da FAP.

possibilidade de reconhecer que a documentação (fontes manuscritas, escritas, digitalizadas, fontes orais/narrativas², fontes materiais, fontes iconográficas e imagéticas³ e outras), utilizadas revelam a diversidade de leituras possíveis e, portanto, diversas formas de escrita, complementares entre si, destacando-se a importância da tipologia de fontes utilizadas no trabalho da construção da sua pesquisa.

A proposta da comunicação é apontar questões relevantes a respeito do tratamento teórico-metodológico das fontes na pesquisa acadêmica.

A intermediação da História, com áreas do conhecimento afins: sociologia, antropologia, arqueologia, literatura e outras, e internamente com a história das artes, possibilitou do ponto de vista metodológico, revelar novas fontes e metodologia de tratamento, de uma forma criativa e inovadora para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa.

Sabemos que cada experiência de investigação propõe modos e os meios para trabalhar com as fontes selecionadas, ou que deveremos em parte construir. O modelo de abordar a documentação é variável de pesquisador para pesquisador. As abordagens são visíveis, no que diz respeito às fontes e na maneira de interpretá-las. A escolha das fontes está relacionada ao tipo de projeto proposto. A temática e a disponibilidade das fontes são fatores determinantes para seleção das mesmas.

As fontes podem ser constituídas de trechos, de fragmentos, de série ou núcleo de documentos manuscritos, impressos, digitalizados; de fontes iconográficas e imagéticas; de fontes orais/narrativas capturadas a partir de entrevista gravadas, selecionadas para a análise do tema proposto para a investigação.

Refletir sobre a metodologia do trabalho com fontes não é uma tarefa fácil em virtude das múltiplas possibilidades de enfoques. Partindo dessa constatação abordaremos alguns aspectos que envolvem o assunto, a partir da experiência de trabalhar com fontes manuscritas em especial cartas.

2 Segundo Tereza Malatian, em suas reflexões a respeito de História oral evidencia que: Uma significativa contribuição às reflexões sobre o estatuto da história oral foi dada por Luiza Passerini, que seus trabalhos procurou avançar com as questões a respeito da subjetividade, afirmando que no momento da rememoração não conta apenas a veracidade do narrado, mas são igualmente importantes as reações emocionais que o entrevistado tem diante da história por ele guardada na memória enquanto representação. [...] O estatuto epistemológico das fontes orais é interpretado como trabalho da construção conjunta e não apenas de ato rememorativo individual, postura historiográfica onde a Psicanálise tem aporte significativo a oferecer, abrindo um campo novo e complexo de interdisciplinaridade (1996, p.52). Consultar também a respeito do questão Memória: FERREIRA M. de M. e AMADO J. Usos e abusos da História oral. POLLAK, M. Memória, Esquecimento Silêncio.

3 Zélia Lopes da SILVA, Z. L. Os dilemas da pesquisa: as fontes oficiais e a imagética, GASKELL, I. História das imagens, GINZBURG.C. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário.

Na área de literatura encontramos diversos trabalhos que utilizam as cartas como fonte de pesquisa. As pesquisadoras, GALVÃO e GOTLIB evidenciam que para, “os interessados em literatura: a disparidade entre o volume de cartas – escritas por artistas, intelectuais, personalidades históricas – e o número reduzido de estudos. Por que tantas cartas produzidas e tão poucos trabalhos com leituras de tais carta?”(2000, p.9). Tal afirmativa serviu de incentivo para trabalhar com as cartas.

Trata-se de uma fonte literária e por meio delas podemos recuperar fragmentos, de um passado distante. Muitos homens escreveram cartas em sua existência: para um prisioneiro, elas tinham a função de abolir distâncias; para o Imperador Pedro I, demonstrar seu afeto por “Titília”, através das *cartas de D. Pedro I à marquesa de Santos*; para o presidente Getúlio, *a carta testamento de Getúlio Vargas*, uma despedida ou revelação para a nação brasileira. Poderíamos enumerar uma infinidade de exemplos, a respeito de cartas escritas, das mais expressivas até a mais representativa do cotidiano dos indivíduos. Todas com seu devido enfoque e conteúdo revelador, para serem analisadas pelas diferentes áreas do conhecimento.

Segundo Tiago C. P. Dos Reis Miranda:

Enquanto gênero literário, ou como atividade reservada de alguns privilegiados, o uso de escrever cartas conheceu notável impulso entre os homens do Renascimento. Expressão de uma maior importância dos laços que se estabeleciam para além da célula familiar; do ideal de civilidade: gênero propício ao melindroso comércio de idéias, ou a confidenciar experiências de encanto, beleza e amor. O advento da imprensa facilitou o acesso dos letrados a antigos modelos estilísticos, acenando ainda, por vezes, com a perspectiva de uma certa notoriedade pessoal, ou com a remota possibilidade de uma compensação econômica, na venda de manuscritos.(MIRANDA, 2000: p.42)

Entendemos que essa fonte documental – as cartas - são artefatos materiais em extinção, em tempo breve deverão ser substituídas por outras tecnologias, como exemplo o correio eletrônico, fax, e-books, devido o aceleração da pós-modernidade:

Para Cyntia Roncaglio,

Independente da longa discussão entre os historiadores dos significados diversos que os documentos/monumentos assumem na tradição dos documentos escritos e, posteriormente, na concepção alargada de documentos, que contempla imagens, objetos, paisagens, enfim, todos os vestígios e sinais a partir dos quais se possa fazer a escrita da história, o desenvolvimento de novas tecnologias da informação no final do século 20 exacerba e redimensiona os problemas já enfrentados para a preservação dos documentos. As tecnologias da informação são entendidas aqui nos termos usados por CASTELLS (2000) e outros que incluem o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicações/radiodifusão e optoeletrônica. Castells ainda inclui entre as tecnologias da informação a engenharia genética e o seu conjunto de desenvolvimento e implicações. Tais tecnologias não só penetram e influenciam todas as atividades humanas como geram novas formas de armazenamento da memória coletiva (RONCAGLIO, 2003: p.68).

A realidade das cartas manuscritas, “... ao que tudo indica, fará cair em desuso a carta, esse objeto precioso e de tamanha fortuna, tanto para os estudos literários como para um certo estilo de elegância” segundo as autoras (GALVÃO e GOTLIB, 2000: p.10).

Conjuntamente com a questão da substituição por outras tecnologias, soma-se outra problemática, o da guarda desse tipo de documentação. Os procedimentos dado pela teoria arquivística deparam-se num momento de discussão e de reelaboração a respeito de o que guardar?, Como guardar?, a discussão entorno dos tipos de arquivos, público e o pessoal, oficial e o individual, “existe em muitos países uma divisão incômoda, ou mesmo uma tensão” (COOK, 1997).

A abordagem dos arquivos pessoais é uma discussão relativamente nova em especial no Brasil, “[...] os arquivos pessoais não tinham merecido, até duas três décadas atrás, a devida atenção no que diz respeito à sua existência, rastreamento, organização e divulgação, nem tinham sido objeto de pesquisa como poderiam e deveriam ser”(BELLOTO,1997: p.7).

Mas, o que chama atenção do pesquisador para debruçar-se em uma documentação de cunho particular? Um emaranhado de “maços” de cartas, cadernos, recortes de jornais, mapas, documentos “oficiais” o que é instigante? Público, privado, íntimo, história e personagem se confundem e se entrelaçam, na medida em que se desatam os nós dos barbantes, que fecham os maços de cartas guardados por longos anos. O historiador/pesquisador traz a luz palavras e sentimentos escritos em momentos de intimidade, de alegria, tristeza, dor, ou mera expressão de poder.

Respondendo a essas questões, pode-se dizer que foi tanto a idéia de trabalhar com a História do Paraná, como, ao mesmo tempo, a de revelar o que um homem, guardou de significativo para sua comunidade, sua província e para o Brasil, a partir de sua opinião sobre si próprio e sobre a sociedade em que viveu. Deixar o senhor Jesuíno Marcondes Oliveira de Sá revelar-se pelas cartas foi um dos objetivos do trabalho.

Personagem do século XIX nasceu na vila da Palmeira, em 1 de junho de 1827, filho de José Caetano de Oliveira e de Querubina Marcondes de Sá. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1849. Estudou na Europa retornou para a Curitiba em 1852, às vésperas da emancipação da província. Casou com sua prima Domitilla Alves de Araújo. Entre os cargos públicos que assumiu evidencia-se: Inspetor Geral da Instrução pública, Procurador Fiscal do Tesouro Provincial, Deputado da Assembléia Provincial do Paraná, Presidente da Municipalidade de Curitiba, 1º suplente de Deputado Geral, em 1854, Deputado Geral, nas 10ª, 12ª e 18ª Legislaturas, 2º Vice-Presidente da Câmara dos Deputados, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comercio e obras Públicas, no gabinete de

31 de agosto de 1864, Vice-Presidente da Província do Paraná, com exercício interino, em 1878, 1879, 1882. Presidente da mesma província, em 1889, até a proclamação da República e chefe do partido Liberal.

O acervo foi localizado na Biblioteca Pública do Paraná, em Curitiba, composto principalmente de cartas pessoais entre Jesuíno Marcondes e seus parentes; o pai José Caetano de Oliveira - Barão de Tibagi -, seu filho, o médico paranaense Moyses Marcondes, Emília (filha), Aninha (irmã) Mano Pacheco (genro), Coronel Joaquim Pacheco da Silva Rezende (cunhado) e outros. Estimou-se primeiramente um total em torno de três mil cartas. Contemplando assuntos particulares e íntimos entre familiares, mas também questões em torno da política provincial e imperial, negócios, comércio de gado, aberturas dos caminhos, cultura local.

Evidencia-se que a documentação em discussão encontrava-se em estado precário, “guardada” em arquivo de aço sem nenhuma ventilação, necessitando ficar por um longo tempo “exposto ao ar”, para então ter condições de manuseio.

Mediante tais condições foi necessário rever a metodologia de trabalho. Adotou-se primeiramente o procedimento de retirar das gavetas os documentos, deixar respirar para depois fazer o manuseio, com isso perdeu-se tempo no processo de seleção. Amparados nas recomendações de Cíntia Roncallio.

Posteriormente, realizou-se a tarefa de separá-los e agrupá-los. A partir desse momento verificou-se que a quantidade de documentos era superior ao número estipulado, e que se tratava de documentos pertencentes a três indivíduos. Documentos pertencentes a José Caetano de Oliveira, Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá e Moyses Marcondes. Deparamo-nos nas mãos com a responsabilidade de trabalhar com três arquivos pessoais, tratando-se de um uma documentação que se reportava aos séculos, XIX e XX.

Estarrecida com o conteúdo dos fragmentos que apareciam ao desamarrar os “maços”, passamos a permanecer por um tempo além do permitido junto a documentação.

Constatando-se uma quantidade muito superior a previamente indicada no projeto, uma quantidade estimada em torno de três mil documentos, número ultrapassado em muito. Isso fez com que fosse necessário redimensionar a pesquisa e selecionar um segmento de cartas para concretizá-la.

Ao redimensionar a proposta inicial da pesquisa para finalizá-la, escolheu-se trabalhar com as cartas pessoais trocadas entre Jesuíno Marcondes e seu pai, o senhor José Caetano de Oliveira - Barão de Tibagi - período de 1848 a 1863, que foram separadas e fotografadas por ordem cronológica.

Alguns “maços” de cartas já tinham uma classificação, como por exemplo: “Cartas do Barão do Tibagi ao seu filho Jesuíno Marcondes e outros da Palmeira – 1847, 1848, 1849, 1850, 1854, 1855, 1856, 1858. Cartas de Jesuíno Marcondes para seu filho Moyses Marcondes – 1894-1895. Cartas de Jesuíno Marcondes para seus filhos e netos – 1896”.

Para a pesquisadora Priscila Fraiz, responsável pela organização e classificação do arquivo pessoal de Gustavo Capanema, que evidencia no seu trabalho a questão do arranjo do material e do princípio da ordem original da documentação,

[...] se esse pesquisador, além de trabalhar o conjunto de informações que o conteúdo do arquivo fornece, puder resgatar a globalidade de sua lógica, extrairá com certeza muito mais informações. “O arranjo do material pode ser tão significativo como o próprio material” (Ellen Jackson, apud Schellenberg, 1973: 244). A ordem na qual os documentos foram organizados pode trazer alguma luz sobre a natureza do arquivo e de seu criador, da mesma forma que a ordem na qual os arquivos públicos e os privados institucionais são acumulados esclarece quanto à organização e funcionamento dos órgãos que os geraram. Contudo, a aplicação do princípio do respeito à ordem original nos arquivos pessoais encontra dificuldades semelhantes àquelas com que se deparam os arquivos públicos. Na grande maioria dos casos, os acervos pessoais chegam de forma desordenada à instituição de memória que os recolhe, dificultando, dessa forma, a observância do princípio. E nos casos em que a ordem primitiva, caso exista, se mostre inadequada à recuperação das informações para uso científico, considero que não se deve colocar uma camisa de força no momento de se definir o arranjo a ser adotado. Como já apontei, sendo o valor informativo o preponderante, a determinação do arranjo deve ter como horizonte a pesquisa histórica. Nesse sentido, a observância do princípio pode se dar mediante a elaboração de um instrumento de busca que recupere a antiga ordem como, por exemplo, tabelas de equivalência (FRAIZ, 1998: p.6).

Passamos a capturar a imagem para reduzir o tempo de exposição junto ao material. Com a imagem gravada, foi possível realizar uma classificação das cartas, e assegurando em parte o arranjo do material na ordem encontrada. o trabalho nas cartas trocadas entre José Caetano e seu filho Jesuíno Marcondes no período de 1847 a 1863. Para melhor andamento do trabalho criamos uma tabela, cuja função foi de organizar e classificar as cartas, contendo os seguintes elementos, local de onde José Caetano redigiu a carta, data, mês e ano, conteúdo.

O montante das outras cartas trocadas entre Jesuíno Marcondes, e seus familiares, Moyses Marcondes (filho), Emília (filha), Aninha (irmã) Mano Pacheco (genro), Coronel Joaquim Pacheco da Silva Rezende (cunhado) e outros. Retomaremos em momento oportuno.

Com relação ao acervo de documentos do médico Moyses Marcondes, realizamos uma separação superficial, para diferenciá-la do acervo documental de Jesuíno Marcondes. Essa documentação deverá ser objeto de outro projeto de pesquisa.

Preservar a separação existente dos “maços” para distingüí-la foi uma meta assumida metodologicamente. Desde o início dos trabalhos, seguindo a indicação do referencial

bibliográfico que trata a respeito de classificação e seleção de arquivos pessoais.

A documentação foi renomeada da seguinte forma:

- Manuscrito do Padre Luiz de Cimitile – “Epítome dos costumes dos índios (coroados).”
- Instrução pública no Paraná (1854-1881) - existem dois “maços” com essa indicação.
- Documentação a respeito de Palmas - existem dois “maços” com essa indicação, contendo cartas, ofícios, mapas.
- Cópias de documentos manuscritos do arquivo da Marinha e Ultramar- Lisboa, por Moyses Marcondes.

Documentação a respeito de Guarapuava - Datilografada do arquivo público de São Paulo – por Dúlcido Tavares de Lacerda 1945. Ofícios e cartas do padre Chagas Lima, dos comandantes da expedição para os Campos de Guarapuava, Diogo Pinto de Azedo Portugal, Brigadeiro Antonio da Rocha Loures, Antonio de Sá e Camargo – Visconde de Guarapuava, entre outros personagens que participaram da ocupação e da colonização do 3º planalto paranaense. Dúlcido Tavares de Lacerda estava imbuído do desejo de preservar os documentos que permitem conhecer parte da História do Paraná antes da emancipação política do Paraná. Realizamos a verificação de tal documentação no Arquivo Público de São Paulo, foi surpreendente descobrir a fidedignidade de Dúlcido em copiar esse material.

Recortes de jornais e mapas que tratam da questão de limite do Paraná com Santa Catarina.

- Cadernos de anotações de medicina – (Meus Cadernos de doente).
- Coletânea pensamentos de Nestor Victor, escritor paranaense, publicado na revista “A Republica” de Curitiba.
- Livros de pensamentos - 5 volumes (Moyes Marcondes).
- Cadernos de receitas culinária da esposa do senhor Moyses Marcondes.

Evidenciamos que objetivo principal da pesquisa foi de contribuir para separação, organização e classificação do arquivo pessoal de Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá, tal em parte foi alcançado. Apresentando resultado satisfatório, porque ao iniciar os trabalhos de separação da documentação, concluímos tratar-se de um acde cartas trocadas entre familiares sendo o conteúdo das mesmas de foro particular íntimo. Com uma diversidade documentalque comportava três arquivos pessoais diferentes. Adocumentação quando estiver em condições de ser disponibilizada aos pesquisadores, após os devidos cuidados técnicos de higienização, resultará no desenvolvimento de estudos voltados para uma diversidade abordagens: biográficas, trajetórias de vida, micro-história, entre outras.

Enfim, o trabalho foi fundamental para o entendimento da importância da memória escrita através das cartas/documentos pessoais, que registraram a intimidade de indivíduos, mas ao mesmo tempo revelaram ao pesquisador comportamentos sociais, posturas de poder, transações comerciais, manifestações culturais. Assim, os personagens que revelaram suas histórias nas cartas, revelaram também contextos, que evidenciam o cotidiano da História paranaense.

REFERÊNCIAS:

- BELLOTTO, Heloisa Liberalli. *Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debate com Terry Cook*. In: Estudos Históricos Arquivos pessoais. Rio de Janeiro: n.21, FGV, 1998/1.
- BURKE, P. *História e teoria social*. São Paulo: UNESP, 2002.
- BURKE, P. (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- COOK, T.. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. *Revista Estudos Históricos*. Arquivos pessoais. Rio de Janeiro: n.21, FGV, 1998.
- DUCROT, A . A classificação dos arquivos pessoais e familiares. In: *Revista Estudos Históricos*. Arquivos pessoais. Rio de Janeiro: n.21, FGV, 1998/1.
- FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (org.). *Usos & abusos da história oral*. 4 ed., Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- FRAIZ, P. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol.11, n.21, 1998.
- GALVÃO, W. N.; GOTLIB, N.B. *Prezado, senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GASKELL, I. História das imagens. In: BURKE, P.(org.). *A escrita da História: perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- GAY, P. *O estilo na história*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas, sinais: morfologia e história*. 3.ed., São Paulo; Companhia das Letras, 1999.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella. *Prezado, senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 42.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.
- RONCAGLIO, C. Memória e patrimônio documental arquivístico no Paraná. In: *Simpósio de cultura paranaense, terra, cultura e poder; a arqueologia de um estado*. Guarapuava: UNICENTRO, 2003.
- SANTOS, Z A . M. *Visconde de Guarapuava: personagem na história do Paraná*. Trajetória de um homem do século XIX. Guarapuava: UNICENTRO, 2007. 236 p.
- WHITE, H. questão da narrativa na teoria contemporânea da história. In: *Revista de História*, n. 2/3, 1991.
- _____. *Trópicos do discurso: sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- VEYNE, P.M. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. 4.,ed., reimp. Brasília:UNB, 2008.